HISTÓRIA DA UMBANDA

Próximo ao final do ano de 1908, um rapaz, que na época tinha 17 anos de idade, nascido e morador de Neves, São Gonçalo, RJ, preparava-se para ingresso na carreira militar quando foi acometido de uma paralisia inexplicável. Muitos foram os médicos levados até ele, mas de nenhuma forma conseguiam explicar o que ocorrera com aquele jovem.

Certo dia este jovem, chamado ***Zélio Fernandino de Moraes***, ergueu-se da cama e disse “Amanhã estarei curado”. Eis que no dia seguinte o jovem realmente se levantou da cama curado. Como se nada houvesse acontecido. Os médicos, que já não haviam explicado a paralisia, não conseguiram também explicar o que havia ocorrido. Alguns tios de Zélio, padres da igreja católica vieram visitá-lo no intuito de entender o que ocorrera com o jovem, mas também não conseguiram explicar o fenômeno. Um amigo da família, então, sugeriu uma visita à Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, então sediada em Niterói, presidida, na ocasião, por José de Souza.

Descrente de que seria dada uma explicação, porém convencidos pela falta de opções, os Pais de Zélio o acompanharam até a referida sessão espírita.

Chegando à sessão, Zélio tenso, aguardou por orientações, tendo o dirigente determinado que Zélio ocupasse um dos lugares à mesa, em determinado momento dos trabalhos, tomado por uma força desconhecida e superior à sua vontade, contrariando as normas que impediam o afastamento de qualquer um dos integrantes da mesa, Zélio levantou-se e disse: "Aqui está faltando uma flor!", retirando-se da sala. Retornou em poucos momentos, trazendo uma rosa, que depositou no centro da mesa. Esse gesto causou um princípio de polêmica entre os presentes.

Restabelecida a "corrente", manifestaram-se, em vários dos médiuns presentes, espíritos que se identificaram como de indígenas ou caboclos e de escravos africanos. O dirigente dos trabalhos convidou esses espíritos a se retirar advertindo-os acerca do seu (deles) atraso espiritual. De acordo com entrevista do próprio Zélio, nesse momento ele sentiu-se novamente dominado pela estranha força, que fez com que ele falasse, sem saber o que dizia.

Ouvia apenas a sua própria voz, perguntando o motivo que levava o dirigente dos trabalhos a não aceitar a comunicação daqueles espíritos, e porque eram considerados "atrasados" apenas pela diferença de cor ou de classe social que revelaram ter tido na última encarnação.

Seguiu-se um diálogo acalorado e os responsáveis pela mesa procuraram doutrinar e afastar o espírito desconhecido, que estaria incorporado em Zélio, desenvolvendo uma sólida argumentação. Um dos médiuns videntes perguntou então:

"-Afinal, porque o irmão fala nesses termos, pretendendo que esta mesa aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram, quando encarnados, são claramente atrasados? E qual é o seu nome, irmão?"

A resposta de Zélio, ainda tomado pela misteriosa força, foi:

"-Se julgam atrasados estes espíritos dos pretos e dos índios, devo dizer que amanhã estarei em casa deste aparelho (o médium Zélio), para dar início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar a sua mensagem, e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E, se querem saber o meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim."

O médium vidente insistiu, com ironia: "-Julga o irmão que alguém irá assistir ao seu culto?" Ao que a entidade respondeu: "- Cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei!".

No dia seguinte, a 16 de novembro, na residência de sua família, na Rua Floriano Peixoto nº 30, em Neves, ao se aproximar a hora marcada, 20 horas, já ali se reuniam os membros da federação espírita, visando comprovar a veracidade do que fora declarado na véspera, alguns parentes mais chegados, amigos, vizinhos, e, do lado de fora da residência, grande número de desconhecidos.

Às 20 horas, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas, declarando que, naquele momento, se iniciava um novo culto em que os espíritos dos velhos africanos, que haviam servido como escravos e que, desencarnados, não encontravam campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos do Brasil poderiam trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade (amor fraterno) seria a tônica desse culto, que teria como base o Evangelho de Cristo e como mestre supremo, Jesus.

Após estabelecer as normas em que se processaria o culto, deu-lhe também o nome, anotado por um dos presentes como Alabanda, substituído por Aumbanda, que em sânscrito pode ser interpretada como "Deus ao nosso lado" ou "o lado de Deus". O nome pelo qual se popularizaria, entretanto, seria o de Umbanda.

Após este evento de “fundação” da religião muito se evoluiu e muito mudou, para que a religião pudesse servir aos proposito evolucionistas diversos.

As principais bases de sustentação e formação da umbanda foram as quatro principais correntes religiosas presentes no Brasil à época de sua fundação, sendo elas: Catolicismo, Candomblé, Kardecismo e Pajelança.

Muita gente confunde a Umbanda com o Candomblé, e já ouvimos até mesmo pessoas dizendo que a Umbanda não foi fiel aos ritos do candomblé virando as costas às suas raízes. Dentro de minha visão pessoal isso é uma grande besteira dita por quem não conhece a fundo a história da Umbanda e nem mesmo de outras religiões.

Se a Umbanda fosse de alguma forma atribuir a si mesma uma raiz única esta seria o Kardecismo, pois a Umbanda foi fundada após uma manifestação em uma sessão espirita. Porém atribuímos à Umbanda as quatro raízes, pois cada um trouxe para a Umbanda doutrina, base e fundamentos. Citaremos alguns para ilustrar.

Do Catolicismo trouxemos o sincretismo, a hierarquia e metodologia de orações. Do Candomblé trouxemos o culto aos Orixás e toques de curimba (o culto de forma cantada), da Pajelança trouxemos o culto à natureza, a utilização de ervas e defumadores e os trabalhos com pés na terra. Já do Kardecismo trouxemos toda a base de estudo espirita, a manifestação mediúnica e o entendimento da espiritualidade, e como ela se processa no astral.

Sem qualquer uma destas bases a Umbanda deixa de ser a Umbanda. Rituais específicos e linhas cultuadas se enquadram nestes elementos seja qual for a doutrina praticada.

Algumas pessoas ainda insistem em dizer que a Umbanda já existia antes desta fundação, atribuindo sua fundação a outros médiuns. Respeitamos todos estes médiuns que de alguma forma realizavam trabalhos parecidos com a Umbanda, porém toda religião tem um nome e seu “batismo”, ou seja, o momento em que recebeu este nome é o que define sua fundação. Enfim, muito pode ter sido praticado por outros médiuns, porém o nome Umbanda, a Umbanda como conhecemos, só passou a existir depois do advento do sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestado no médium Zélio Fernandino de Moraes.

Creio que em muitos lugares do Brasil e até do mundo a mediunidade é praticada a milênios, porém somente nesta ocasião esta prática foi nomeada Umbanda e somente neste momento a **Umbanda** passou a existir.

LINHA DO TEMPO UMBANDISTA

1908 - Fundação da Umbanda: Advento, anunciação ou surgimento. A adjetivação é o que menos importa. É considerado fato, por inúmeras pesquisas e depoimentos que em 15 de Novembro de 1908, na cidade de Niterói - estado do Rio de Janeiro - ocorreu o marco "fundador" da religião de Umbanda. O jovem Zélio de Moraes incorporava o Caboclo das Sete Encruzilhadas (C7E) em uma sessão de espiritismo kardecista e, após diversos protestos e reprimendas pelo teor das abordagens da entidade manifestada, anunciou que no dia seguinte à casa de seu "aparelho" fundaria um novo culto para dar voz a uma grande parcela da espiritualidade renegada nos círculos espiritualistas

convencionais e então estabelecidos. No dia seguinte, o Caboclo das Sete Encruzilhadas (C7E) anunciou um conjunto de proposições que norteariam a recém-chegada "Umbanda" no plano terreno, batizando aquela casa de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (TENSP). Na mesma noite manifestou-se também o preto-velho "Pai Antônio", e logo na em sua primeira manifestação incorporou elementos materiais característicos da religião: A Guia, toco ou banco e o cachimbo.

1913 - Orixá Malet: Entidade que se manifestou em Zélio de Moraes, para atuar na linha de frente ao combate a magia negra. Trouxe consigo a simbologia dos pontos riscados que identificavam as entidades manifestadas. Introduziu as oferendas aos Orixás e a utilização animais "vivos" para os trabalhos que desmanchavam magias.

A Expansão

É descrito por Leal de Souza no livro "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" publicada em 1933, que o "Chefe" - como era chamado o Caboclo das Sete Encruzilhadas (C7E) - anunciou que havia recebido a incumbência do astral superior para expandir a Umbanda com mais sete "Tendas". O historiador Diamantino Fernandes Trindade, corrobora o registro em seus livros que abordam a história da Umbanda. As novas tendas teriam a supervisão espiritual direta do (C7E), que prepararia e outorgaria os médiuns designados à dirigência das tendas.

1918 - Primeira Tenda: "Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição", fundada em 16 de Janeiro pela médium Gabriela Soares que incorporava o Caboclo Sapoéba, com co-fundação de Leal de Souza;

1920 / 1924 - Tenda Espírita Mirim: Em 1920, Benjamim Figueiredo médium do Caboclo Mirim manifestando a entidade pela primeira vez, anunciou que os trabalhos em seu núcleo familiar voltados à doutrina de Kardec seriam à partir de então, trabalhos de Umbanda. Benjamim e o Caboclo Mirim iniciavam uma "nova" corrente umbandista, a escola Iniciática. As diversas fontes consultadas indicam marcos de fundação da Tenda Espírita Mirim em períodos distintos, ora em 1920, ora em 1924. O livro "Memórias da Umbanda no Brasil" de Ronaldo Linares e Diamantino Trindade discute a possibilidade dessa diferença de quatro anos, como o intervalo entre a anunciação do Caboclo Mirim e a preparação empreendida por Benjamim Figueiredo, inclusive, como membro da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade com Zélio de Moraes e o C7E.

1925 - Segunda Tenda: "Tenda Espírita São Pedro", fundada em 5 de Março, com José Meirelles;

1925 - Publicação do livro - No Mundo dos Espíritos: Leal de Souza, o primeiro autor umbandista, publica o livro "No Mundo dos Espíritos" com os textos/relatos de sua coluna "Inquérito" do jornal "A Noite". Seu trabalho era relatar as visitas à tantos centros e terreiros do Rio de Janeiro, a fim de investigar o grande fenômeno, denominado "mediunismo" na capital federal. É um marco também

para Umbanda, pois, é a primeira publicação literária que diretamente faz referência ao trabalho de Zélio e do C7E, conforme capítulo “O Centro Nossa Senhora da Piedade".

1927 - Terceira Tenda: "Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia", fundada em 8 de setembro, por José Meirelles. Após seu desencarne, foi assumida por Durval de Souza;

1933 - Quarta Tenda: "Tenda Espírita Santa Bárbara", fundada em 27 de Junho, por João Aguiar que era médium do Caboclo Corta Vento;

1933 - Publicação do livro - O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda: Se em meados da década de 1920, Leal de Souza, traz pelo seu inquérito do jornal "A Noite" os relatos das visitas à inúmeros terreiros, em 1933, já umbandista praticante frequentador da TENSP e à época, dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, publica o primeiro livro de Umbanda. Era o primeiro compendio de textos que desmistificava os conceitos e as práticas umbandistas, significava o conceito das sete linhas de Umbanda tão debatido e controverso até hoje. Um marco inovador, corajoso e transformador.

1935 - Quinta Tenda: "Tenda Espírita São Jorge", fundada em 15 de fevereiro, por João Severino médium do Caboclo Cobra Coral;

1935 - Sexta Tenda: "Tenda Espírita São Jerônimo", fundada em 15 de Maio, com o Capitão José Alvares Pessoa que era médium do Caboclo da Lua.

1939 - Sétima Tenda: "Tenda Espírita Oxalá", fundada em 11 de Novembro, com Paulo Lavois;

1930 / 1941 - Opressão política e organização de classe: A opressão política e discriminatória era muito intensa na década 1930 - durante o governo de Getúlio Vargas-, Diamantino Trindade em "História da Umbanda no Brasil", nos refresca as discriminações, arbitrariedades e intervenções que todas as religiões dentro do espectro de centros e terreiros (Kardecistas, Macumbeiros, Umbandistas, Candomblezeiros e afins.). Segundo Alexandre Cumino em “História da Umbanda", em 1939 Zélio de Moraes orientado pelo C7E, fundou a Federação Espírita de Umbanda do Brasil (FEUB) com o objetivo de organizar a realização do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda em 1941. Além disso, aglutinava todos os terreiros filiados a TENSP congregando uma representação de classe reivindicatória que se ajudariam mutuamente para legitimar a prática da religião de Umbanda.

1941 - 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda: Legitimar, organizar, oficializar e desafricanizar eram as premissas básicas do movimento que idealizara o Congresso. A Umbanda enquanto movimento ou entidade social se apresentava dentro de uma organização básica, atendendo as imposições dos contextos sociais e políticos da época que eram de extrema opressão. Assim, um conjunto de conceitos era apresentado justificando a originalidade "espírita" da

Umbanda, entre eles, destacamos: Fundamentos históricos, filosóficos, científicos, culturais, doutrinários, ritualísticos. E anunciava Jesus como seu "chefe" supremo.

1947 - FEUB para ser UEUB: A Federação Espírita de Umbanda do Brasil (FEUB) passa a ser denominada União Espírita de Umbanda do Brasil (UEUB) que mesmo com muitas dificuldades, funciona até hoje.

1950 - Umbanda Omolokô: Tancredo da Silva Pinto (Tata Ti Inkice), conhecido por Tata Tancredo foi o principal nome do movimento Omolokô sendo o responsável por coordenar toda a estrutura política pelos movimentos federativos, quanto pelo doutrinário na condução de terreiros e publicações de livros sobre a Umbanda Omolokô, em muitas fontes é tido como o "Organizador do culto Omolokô". Defendia a origem e fundamentação da Umbanda como herança de povos africanos de Angola do grupo Luanda-Quiôco, para isso é dele a seguinte afirmativa reproduzida em tantos veículos de informação que tratam da questão... “a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra”. Tata Tancredo fundou em 1950 a Confederação Umbandista do Brasil e viajou a diversos estados auxiliando e incentivando a criação de instituições que agregassem terreiros com fundamentações provenientes de cultos afro-brasileiros praticados na Umbanda - clara oposição ao 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda-, era uma verdadeira frente de resistência pelos fundamentos africanos na religião. Era também sacerdote e segundo o excelente estudo publicado no blog Uniafro teve mais de 3.566 "filhos de santo" iniciados. Outra característica importante de Tata Tancredo, foi o legado bibliográfico deixado para o movimento Omolokô e foram mais de 30(trinta) livros, alguns deles em parceria com Byron Torres de Freitas.

1952 - Primado de Umbanda: Juntos, Caboclo e médium, fundaram outras tendas, participaram ativamente de movimentos federativos, congressos e em 1952 fundaram o "Primado de Umbanda", organização federativa que baseava suas atividades em: Difundir a religião e seus ensinamentos; Promoção de Formação Sacerdotal e Iniciática aos membros de terreiros filiados, integrando-os à utilização da língua Nhêngatu hierarquizando os graus de evolução espiritual contidos em sua filosofia. O legado do trabalho de Benjamim e Caboclo Mirim continuam até os dias de hoje arregimentando umbandistas por todo o país.

1950 / 1954 - Umbanda Esotérica: Através de W.W. da Matta e Silva, também conhecido como Mestre Yapacani, abriu-se um novo cenário doutrinário na Umbanda. Médium de Pai Guiné, porém, anteriormente, de Pai Cândido, utilizou-se da escrita para estabelecer o diálogo e chamar a atenção para o novo movimento - visto que muitos, inclusive, seus seguidores, consideram este um dos três maiores movimentos da história da Umbanda. Matta e Silva passou a escrever para jornais e custeou seu primeiro livro (Umbanda de Todos Nós). Era um crítico ferrenho do comércio religioso e de práticas que, segundo ele, não eram compatíveis com a doutrina umbandista. Publicou ainda mais

oito obras, escreveu também o famoso texto “Sete Lágrimas de Pai Preto". A vertente Esotérica continua em atividade, maiores referências, podem ser encontradas no blog Mandala dos Orixás editado por Diamantino Trindade, e pela instituição de ensino Faculdade de Teologia Umbandista dirigida por Rivas Neto autor de livros importantes do segmento.

1955 - T.U.L.E.F: Fundada com o nome de "Tenda Nossa Senhora do Rosário" por conta das perseguições sofridas, a T.U.L.E.F foi importantíssima na divulgação e amplificação umbandista. Dirigida por Lilia Ribeiro, médium do Caboclo Mata Virgem e pesquisadora sobre a Umbanda. Lilia contribuiu para pesquisas históricas em torno da história da religião, gravando depoimentos e entrevistas com Zélio de Moraes.

1956 - Colegiado Espírita do Cruzeiro do Sul: A criação do Colegiado aglutinou diversas lideranças de instituições e federações que pertenciam à "Umbandas" distintas, de diferentes estados e, em certos aspectos até rivais. A busca por legitimação e as disputas pela "doutrina verdadeira", em certo momento, foi relativizada. O potencial político dessa fusão era o principal objetivo, juntamente com a possibilidade da criação de uma unidade nacional em prol da cultura umbandista. Desta fusão, surgiram algumas iniciativas:

1960 / 1961 - Hino da Umbanda: Letra de João Manoel Alves, a música "Refletiu a Luz Divina", foi apresentado em 1961 no segundo Congresso Nacional e, oficialmente adotado em todo o Brasil à partir do terceiro Congresso Brasileiro em 1973. As observações sobre o hino estão bem difundidas, sobretudo, pela internet, entretanto, alguns desencontros nas informações poderão ser detectados. Em História da Umbanda no Brasil de Diamantino Trindade, encontramos capítulos distintos sobre a questão, percebe-se que o autor quando trata diretamente os aspectos históricos da música e de seu autor, aponta o segundo Congresso como marco inicial e público da obra, ao passo que, no capítulo exclusivo sobre os Congressos Nacionais, a menção faz parte no resumo sobre o evento de 1973.

1961 - 2º Congresso Brasileiro de Umbanda: Ocorreu entre os dias 16 e 23 Julho na cidade do Rio de Janeiro no Estádio do Maracanãzinho. A empreitada que contou com uma participação interestadual, não atingiu os êxitos esperados em termos de uniformização doutrinária e ritualística. O ponto mais positivo foi a conscientização de uma ampla frente social e política que poderia unir e reivindicar os direitos sociais a todos, a medida que, a década de 1960 é uma das mais importantes para a propagação da religião em todo país.

Obs.: A partir destes eventos acima citados, entre 1956 e 1961, a Umbanda polarizou outros eventos de igual teor. No estado de São Paulo, por exemplo, a partir da criação Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo (SOUESP), entre as décadas de 1960 e 1980, os paulistas, promoveram com abrangência estadual congressos, seminários, publicações e tantos outros eventos que

organizavam e propunham várias idealizações "normativas" para a Umbanda. Outras dezenas ou centenas de agremiações, associações e federações foram criadas destas iniciativas.

1973 - 3º Congresso Brasileiro de Umbanda: Ocorreu entre os dias 15 e 21 de julho, também na cidade do Rio de Janeiro, no Estádio de São Januário. As tentativas seguiam em torno do debate sobre a doutrina e ritualística comum a todos, porém, o evento foi mais importante em outros dois aspectos. O consenso sobre a instituição do dia nacional da Umbanda (15 de novembro) e a apresentação oficial do Hino da Umbanda.

Luta contra a Intolerância

Não é novidade que a hegemonia católica no Brasil desde os tempos da colônia, influenciou e muitas vezes incorporou o imaginário popular contra outras culturas religiosas, sobretudo, ameríndias, afro-brasileiras e espíritas. Além da cultura, os bastidores de grandes corporações sempre tiveram atuação nos meios políticos, assim, consolidavam ainda mais suas estratégias de consolidação. Nas primeiras décadas da história umbandista, as hostilidades e perseguições tiveram como protagonista a Igreja Católica. Hoje podemos inferir que os maiores difamadores estão em outros nichos do cristianismo, entretanto, a verdade é que em diversos setores principalmente os mais tradicionais e conservadores, ainda encontram dificuldades de pelo menos tolerar a religiosidade alheia. Aqui, com base em nossas pesquisas, listaremos as publicações que ao longo de décadas serviram para disseminar a intolerância contra a Umbanda:

Diretor da Campanha Nacional contra Heresia Espirita, o Frei Boaventura Kloppenburg publicou: Por que a Igreja condenou o Espiritismo 1953; Posição Católica perante a Umbanda em 1954 (estudo 01); Umbanda no Brasil 1961 (est. 02).

No lado dos evangélicos, entre as deliberadas propagandas veiculadas hoje na TV, rádio e internet, sem contar os meios bastidores políticos, destacamos a obra citada por Diamantino Trindade na série História da Umbanda no Brasil: Pastor Jefferson Magno da Costa escreve em 1987 "Porque Deus condena o Espiritismo". Em 1997 Edir Macedo publicou "Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?".

Umbanda em Jornais e Revistas

O advento da internet e o sucesso das redes sociais foram ferramentas impulsionadoras para a democratização das informações relacionadas à Umbanda. Hoje, não há, pelo menos não vemos a possibilidade, de contabilizarmos a quantidade de jornais online e físicos, blogs, rádios, canais de vídeos e sites de cursos online elaborados por umbandistas. Todavia, se considerarmos e nos concentrarmos em estudar as produções periódicas, encontraremos diversas referências. Porém, contextualizando que a abrangência era regionalizada, fruto muito das vezes, de iniciativas caseiras,

das federações e associações que pouco a pouco foram se aglutinando. Aqui, não consideraremos as publicações literárias, tampouco, as publicações jornalísticas feitas por mídias de fora da umbanda, neste caso, interessa-nos listar, algumas das referências jornalísticas produzidas por iniciativas dos umbandistas ligados ao seu movimento. Os volumes da "História da Umbanda no Brasil" de Diamantino Trindade e "História da Umbanda" de Alexandre Cumino, destacam algumas referências.

- Jornal de Umbanda - 1947
- Boletim "A Caridade" - 1956
- Macaia - 1965.
- Revista "Gira de Umbanda" - 1972.
- Umbanda em Revista - 1973.
- Mundo de Umbanda - 1974.
- Umbanda em Revista - 1974.
- Aruanda - 1975
- Tribuna Umbandista - 1976
- Jornal de Umbanda Sagrada - 1999.
- Jornal Aldeia de Caboclos - 2000.
- Revista Espirita de Umbanda.

Salve a Rainha do Mar!

Festejos à Iemanjá. Décadas de 1970/80: Eventos não organizados institucionalmente por meios federativos abriram o caminho, ainda na década de 1950, para o estabelecimento oficial dos festejas à Iemanjá a partir de 1969 em Praia Grande - SP. É um marco na participação umbandista em eventos públicos. Jornais, revistas e depoimentos informam números impressionantes, em 1975, por exemplo, a cidade de Praia Grande recebeu trezentas mil pessoas (300.000). Apesar de o ápice ter sido alcançado na década de 1970, os meados de 1980 reuniram quantidades significativas de adeptos. Até os dias de hoje a tradição permanece no estado de São Paulo, entretanto, descentralizada, com abrangência a outras cidades do litoral paulista e com números bem mais singelos.

Décadas de 80/90

Em diversas fontes, por argumentos variados, as décadas de 1980 e 1990 são apresentadas como períodos de "esvaziamento" na Umbanda. Os umbandistas eram convertidos a outros meios e

deixavam seus terreiros. Alguns aspectos internos que poderiam explicar esse movimento seriam: desorganização associativa ou federativa, marginalização dos cultos (“e aqui registramos as alegações dos movimentos que defendem a “normatização” litúrgica” e doutrinária da religião). Noutra ponta está o vertiginoso crescimento dos neopentecostais que, com a espetacularização midiática do discurso do ódio e da intolerância teriam, também, colaborados para desmoralização da Umbanda. A retomada da religião no fim deste período esclarece Alexandre Cumino em - História da Umbanda uma Religião Brasileira - ter sido fruto da cultura de informação através da revolução tecnológica, onde, a internet protagoniza o combate à cultura de intolerância reorganizando e segmentando novos modelos de umbandistas.

1990 / 2000 - Literatura Psicografada: A literatura de Umbanda psicografada ganha novo status e aumenta consideravelmente, ajudando, assim, esse período que muitos chamam de "reconstrução" social. Em certa medida, sobretudo, pelo senso comum, esse parece ter sido um período de inauguração da literatura de Umbanda, o que não é certo, a história de nossa literatura é extensa e data os primórdios da religião. O que temos aqui, talvez, seja a popularização do segmento psicográfico. Hoje esse tipo de publicação é cada vez mais comum, porém, podemos dizer que as maiores referências dentro da Umbanda ainda nesta fase são; Rubens Saraceni (Organizador do movimento conhecido como Umbanda Sagrada) e Norberto Peixoto (Médium de Ramatís).

2008 - Centenário: As comemorações abrangeram vários estados, Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas eram ou são até hoje os maiores homenageados, pela imensa gratidão e respeito que todos os umbandistas nutrem pelo advento de 1908. A redemocratização do Estado brasileiro que promulgou em 1988 nossa Constituição, balizou em termos jurídicos e políticos a efetiva legitimação da Umbanda, assim, neste 2008, Ela ganhou homenagens menções honrosas em diversas cidades do país através de suas casas legislativas. Viva a Umbanda! Viva o Brasil!

INSTITUIÇÃO DO DIA NACIONAL DA UMBANDA

Em 16 de Maio de 2012, a presidente Dilma Rousseff, decretou e sancionou a Lei nº 12.644 instituindo dia 15 de novembro como data oficial da Umbanda no Brasil.